

**Madrygal.** Revista de Estudios Gallegos

ISSN: 1138-9664

<http://dx.doi.org/10.5209/MADR.62600>EDICIONES  
COMPLUTENSE

## *Aú, água fresca, água fresquinha*: uma análise humanística sobre a figura dos galegos aguadeiros em Lisboa

Ana Claudia Pérez Coelho<sup>1</sup>

Recibido: 30 de marzo de 2018 / Aceptado: 1 de setembro de 2018

**Resumo.** Os galegos foram, desde a Roma antiga, um povo digno de admiração, conhecidos pela sua força, determinação e resistência. Estas qualidades não mudaram sendo imigrantes na cidade de Lisboa. Representaram um bom número, ou seja, milhares que se dedicavam a trabalhos de cunho sobretudo serviçal e árduo entre os que sobressai o de aguadeiro, pessoa que transportava e vendia água pela rua. O trabalho de aguadeiro significava em Lisboa também apagar os custosos fogos das casas e ser o mensageiro particular e fiel para qualquer assunto, incluindo os amorosos. Este estudo tem como objetivo mostrar através de uma análise humanística, a figura dos aguadeiros galegos em Lisboa. Concentra-se, especialmente, no papel económico, social e cultural que representou e na sua decadência como coletivo imigrante dominante outrora do abastecimento de água da capital, conseguindo, finalmente, perpetuar-se na memória da cidade e formar parte da literatura lusa.

**Palavras-chave:** Galego; imigrante; Lisboa; chafariz; aguadeiro.

### [es] *Aú, água fresca, água fresquinha*: un análisis humanístico sobre la figura de los gallegos aguadores en Lisboa

**Resumen.** Conocidos por su fuerza, determinación y resistencia, los gallegos han sido desde la Antigua Roma un pueblo digno de admiración. Estas cualidades no cambiaron como inmigrantes en la ciudad de Lisboa. Representaban un buen número, por no decir miles, que se dedicaban a trabajos de carácter especialmente servil y arduo, entre los que destaca el de aguador, persona que transportaba y vendía agua por la calle. En Lisboa, el trabajo de aguador significaba, además, extinguir los complicados fuegos de las casas y ser el mensajero particular y fiel para cualquier asunto, incluso, los amorosos. Este estudio tiene como objetivo mostrar, desde un análisis humanístico, la figura de los aguadores gallegos en Lisboa. Se centra, mayormente, en el papel económico, social y cultural que ha representado para la ciudad y en su decadencia como colectivo inmigrante que un día dominó el abastecimiento de agua de la capital, consiguiendo finalmente perpetuarse en la memoria de la ciudad y formar parte de la literatura lusa.

**Palabras clave:** Gallego; inmigrante; Lisboa; fuente; aguador.

### [en] *Aú, água fresca, água fresquinha*: a Humanistic Analysis about the Figure of the Galician Water-carriers in Lisbon

**Abstract.** Galicians had been since antique Rome a people worthy of admiration known for their strength, determination and resistance. These qualities did not change as immigrants in the city of Lisbon. They represented a big number as immigrants in Lisbon, even thousands, who dedicated particularly to menials and hard works among which it stands the water-carrier, a person that carried and sold water in the street. Furthermore, in Lisbon, be a water-carrier meant to extinguish difficult fires of houses and be the particular and faithful courier for any matter, even love affairs. This study aims to show, from a humanistic perspective, the figure of the Galician water-carriers in Lisbon. Mostly it focuses on the economic, social and cultural role that it represented for the city and its decadence as an immigrant group that time ago dominated the water supply of the capital, finally achieving to stay in the memory of the city and be part of the Portuguese literature.

**Keywords:** Galician; Immigrant; Lisbon; Spring; Water-carrier.

<sup>1</sup> Investigadora independente no âmbito das Humanidades (Língua, Cultura e Literatura Portuguesas e Alemãs) e Tradução. Correo-e: claudiacoelhoga@gmail.com

**Sumário.** 1. Introdução. 2. O galego aguadeiro, figura conhecida dos lisboetas. 3. A água em Lisboa e os chafarizes como cenário social. 4. O esforço de apagar todos os fogos. 5. A decadência e o fim dos galegos aguadeiros. 6. A presença dos galegos aguadeiros na literatura portuguesa. 7. Conclusão. 8. Referências bibliográficas.

**Como citar:** Pérez Coelho, A. C. (2018): “*Aú, água fresca, água fresquinha: uma análise humanística sobre a figura dos galegos aguadeiros em Lisboa*”, *Madrygal. Revista de Estudios Gallegos* 20, pp. 189-204.

## 1. Introdução

Conforme conta Guilherme Felgueiras (1980: 3), os galegos, procedentes dos “brácaros”<sup>2</sup>, era um povo admirável pelas suas qualidades, conhecido inclusive por Apiano, historiador na Roma Antiga, como “fortes guerreiros”. Também consta que “na memorável batalha de Canas contra os romanos, o afamado Aníbal tinha no seu exército numerosos galegos, por serem «*fuertes guerreros*»” (Estevam 1956: 34, *apud* Gandara y Ulloa 1662). Deste modo, confere-se aos galegos o *status* de homens lutadores, resistentes e esforçados desde o século II d.C. Certamente, esse carácter firme e determinado deve-se, ao passado repleto de lutas, assim como o seu inteto de resistir aos diferentes conquistadores, da mesma forma que estes deixaram marcas próprias durante o seu estabelecimento na Galiza. Isto fortalece ainda mais a capacidade natural que têm os galegos para levar a cabo trabalhos árduos, sem queixas, confirmando a sua honra, entrega e pujança. Uma das inúmeras menções que lhes foi dedicada, mostra o reconhecimento pelo empenho e vigor de um povo: “E eram dedicados, os

robustos gallaicos! Dois d’elles valiam quasi uma junta de bois” (Vidal 1900: 49).

Praticamente, desde a sua formação, os galegos fizeram parte da população da capital lusa<sup>3</sup>. Ao longo dos séculos, enquanto a Galiza permanecia numa situação de penúria, Lisboa já competia com outros destinos escolhidos pelos imigrantes galegos<sup>4</sup>. Assim, “os menos afoitos, ou mais agarrados à família, uma coisa talvez explique a outra, deixam-se tentar por Portugal, que está tão perto que quase se lhe toca com os dedos” (Pacheco 1993: 51-52). Outro dos motivos da emigração galega a Portugal, seria a fuga do serviço militar. Como cita Alves (2002: 4), “Uma portaria de 07.03.1839 já reconhece a existência de muitos galegos que fogem ao serviço militar, ao sublinhar «um grande número de Hespanhoes que se hão acoutado em Portugal, para se subtraírem ao sorteamento no seu País»”. A perda dos homens jovens para as economias familiares representava um grande dano naqueles períodos, portanto, a alternativa mais factível era que o jovem emigrasse e pudesse cooperar com dinheiro na subsistência da família.

Lisboa recebia galegos de todas as províncias, sendo a maior parte de Pontevedra (Tui, Porriño, Redondela, A Cañiza, Covelo, Mondariz, entre outras cidades perto ou à margem do Rio Miño), ainda que procediam também de Ourense (Carballiño, Celanova), inclusive, de cidades mais distantes como Ferrol, da Coruña e de Lugo<sup>5</sup>. Os galegos chegaram a constituir, em certa altura, “mais de um décimo da população da cidade” (Pacheco 1993: 52). De facto, foram mais de quatrocentos anos de emigração galega

<sup>2</sup> Tribo galo-céltica que habitava a região que abrangia de sul a norte as terras entre o rio Douro e o Cadavo (296 a.C.), hoje, atual cidade de Braga e arrabaldes. O termo “brácaro”, deriva, segundo afirmam, do popular trajo que usavam, uma espécie de calções curtos, denominado “bracas” (Machado 1995, Cunha 1989).

<sup>3</sup> Relativamente à esta questão, González Lopo (2005: 59) comenta que em documentos encontrados datados do século XIV, já consta a presença de uma colônia galega em Lisboa, se bem que discreta e dedicada a atividades de cunho simples, pois os naturais da cidade “non vian con bos ollos a aqueles norteños aos que acusan de truáns, miserables e camorristas, dos que a cidade non só non obtiña proveito, senón que perdía polo diñeiro que levaban ao regresar aos seus lugares de orixe”.

<sup>4</sup> Para muitos galegos, a proximidade de Lisboa com a Galiza em muitos aspetos, foi determinante para a escolha do seu destino como imigrante. Não precisava atravessar bravos mares, nem enfrentar grandes dificuldades linguísticas e culturais. A viagem era relativamente curta. Não obstante, no século XVIII, outras causas contribuíram para essa escolha: “o incremento da actividade comercial do seu posto como consecuencia do despego económico do Brasil e os acordos mercantís asinados con Inglaterra a partir de 1703” (González Lopo 2005: 63).

<sup>5</sup> O período inicial da emigração galega a Lisboa ainda é incerto, devido à falta de documentação destruída quer pelos diversos incêndios que açoitaram os edifícios da capital portuguesa ao longo dos anos, quer pela passagem do tempo, por vezes, difícil de ser mantida. Neste sentido, escreve González Lopo (*Ibid.* 57): “É mágoa para un dos nosos obxectivos a carencia de libros de entradas de doentes correspondentes aos anos vinte e trinta do setecentos, pois a súa información sería de gran valor para fixar o instante en que ten lugar a chegada masiva dos noso paisanos á Corte portuguesa”.

a Lisboa, lugar onde deixaram uma presença significativa recordada até aos nossos dias.

A partir de 1960, começaram os trabalhos de investigação das migrações galegas dentro do espaço peninsular. Estes trabalhos foram de suma importância para esclarecer qual era o seu panorama, visto que, paulatinamente, foram-se eliminando muitos tópicos existentes e, ao mesmo tempo, iluminando certos pontos escuros deste assunto (González Lopo 2005). Já nas últimas décadas, concentraram-se as investigações nas denominadas “migrações históricas” (aquelas realizadas até 1900) e, a partir daí, veem-se os frutos obtidos dessa vasta pesquisa de carácter sobretudo histórico, mas também social. A título exemplar, destacam-se neste âmbito os estudos de Camilo Fernández Cortizo, cujo cerne é a visão da migração galega no norte de Portugal nos séculos XVIII e XIX, e o de Domingo González Lopo, o qual mostra a presença dos galegos em Lisboa entre os anos 1745-1746. Neste caso, González Lopo dedicou anos a percorrer arquivos paroquiais da Galiza e de Lisboa à procura de informação acerca da emigração galega. O seu estudo constitui, de facto, uma importante análise sobre a presença dos imigrantes galegos na corte lisboeta a meados do século XVIII. Este precioso trabalho reúne documentação de toda índole: registos municipais, expedição de passaportes, inclusive, arquivos de internamentos de centros hospitalares já extintos de Lisboa, como o célebre Hospital de Todos-Os-Santos, inaugurado no século XV. A informação recolhida no estudo de González Lopo (2005) proporciona-nos idade, procedência geográfica, residência, entre outros aspetos que ajudam a elaborar estatísticas e mapas dos imigrantes galegos em Lisboa nesse período. Apesar dos dados recopilados, pode-se apreciar que resta, como o próprio González Lopo (*Id.*) assevera, muito por conhecer sobre a emigração galega no país luso, principalmente, no que diz respeito à situação cultural e laboral dos imigrantes. Cabe também mencionar neste artigo, o trabalho de investigação feito por Xan Leira<sup>6</sup> em 2008, que consiste em um pertinente estudo e criação de um documentário sobre a emigração galega em Lisboa. Neste estudo, Leira descreve a profissão de aguadeiro como uma das mais frequentes na capital.

Os galegos que emigraram a Lisboa ficaram caricaturados pelas atividades desempenhadas

sobretudo de condição jornalreira, serviçal e precária, no entanto, imprescindível para o meio económico, social e cultural da cidade. Dentro deste contexto, os aguadeiros, transformaram-se em uma figura indelével da memória coletiva. Entre os séculos XVIII e XIX, galego e aguadeiro constituíam um só ser em Lisboa, tomando em conta a quantidade de trabalhadores da água que vinham da Galiza para unir-se ao monopólio existente à volta dos chafarizes lisboetas. Assim, o galego aguadeiro, homem multifacetado das terras do norte, ficou eternizado como uma parte importante do panorama pitoresco da capital portuguesa, sendo retratado em muitas obras relevantes da literatura desse país.

## 2. O galego aguadeiro, figura conhecida dos lisboetas

O termo português *aguadeiro* (em galego “augador”), de acordo com o *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2001), constitui uma pessoa que distribui água pelas casas ou as vende pelas ruas. Esse mesmo dicionário agrega que no século passado, em Lisboa, muitos dos aguadeiros eram de origem galega. Entretanto, o termo é também compilado pelo *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* (1849) que define *aguadeiros*, em português, da seguinte maneira: “o que tem officio de ac-carretar agua para serviço das casas, e a venda pelas ruas” (Faria 1849: 196).

Os galegos aguadeiros eram respeitados por uns, mas também odiados por outros. As críticas concentravam-se na forma como o galego aguadeiro foi invadindo o espaço que antes era dos “ribeirinhos mestiços, híbridos de tôdas as raças, descendentes de árabes, mulatos, escravos africanos, nativos da Índia, negros e negras do Brasil” (Noronha 1943: 33) e foi-se apropriando do “lugar dos cosmopolitas serviçais” (*Id.*). A análise a seguir descreve como os lisboetas viam os galegos aguadeiros:

São um grupo profissional pouco simpático aos olhos da população que, se já não aprecia muito as especulações com o comércio da água, muito menos tolera o facto destes homens lucrarem com os incendios, fazendo fortuna à custa da desgraça alheia. A grande quantidade de dinheiro que extraem do Reino durante o período de Verão, é aliás assunto de preocupação para os municípios. (Madureira 1990: 37)

<sup>6</sup> Guionista, produtor e realizador de cinema e televisão de nacionalidade argentina e origem galega.

No século XVIII, uma legislação criada pelo Marquês de Pombal<sup>7</sup> extinguiu o trabalho escravo em Portugal (Ruders 1981). A partir daí, a cada ano ia aumentando o número<sup>8</sup> de galegos na cidade olisiponense<sup>9</sup> para suprir a falta de mão-de-obra naquelas lidas que exigiam força física, baixa ou nenhuma qualificação e presteza. Estima-se que no começo do século XVIII havia em Lisboa cerca de quarenta mil galegos a trabalhar no regime de prestação de serviço, principalmente, aguadeiros, carregadores e criados. Segundo os dados coligidos, mesmo carentes de validade oficial, dez por cento do total de galegos de Lisboa dedicava-se ao transporte e venda de água pelas ruas. Os galegos aguadeiros fixavam-se no Bemfornoso, Bairro da Bica, Bairro Alto, Alfama e Alcântara “em colónias ou colmeias, nas suas características «casas de malta»”<sup>10</sup> (Fernandes 1941: 140). Ali, congregavam-se e formavam um reduto onde muitos trabalhavam e viviam<sup>11</sup>.

Desde o século XVI, os galegos foram para Lisboa a tentar a sorte em qualquer afazer. A chegada dos aguadeiros à capital tão incerta como também é a dos galegos em si a Lisboa, “talvez nos princípios do século XVIII, talvez antes” (Almeida 1917: 59), mas foi no XVIII que a faina de aguadeiro ficou mais cobiçada. Nessa altura, a capital portuguesa fervilhava com uma intensa quantidade de imigrantes galegos a transitar continuamente pela ribeira do rio com os seus barris cheios de água. Já de manhã, muito cedo, Lisboa acordava ao som do pregão musical dos galegos aguadeiros que gritavam alto pelas ruas: “Aú, Aú!, Água fresca, água fresquinha!”<sup>12</sup>. “Aú” era a forma reduzida, uma abreviação da palavra galega “auga”

que ficou amplamente conhecida na cidade representando a figura do galego aguadeiro.

Quando os compatriotas dos galegos chegavam a Lisboa para também fazer o labor de aguadeiro, aqueles que já tinham experiência no assunto da venda de água lhes diziam de maneira sagaz: “A água é deles, mas nós é que lha vendemos!” (Dinis 1993: 230). Com isso, ganharam uma grande fama de arteiros, ao mesmo tempo de honestos, poupadores, de gente com a “parcimonia de spartanos”<sup>13</sup> (Almeida 1917: 60), um estilo de vida comum na Grécia Antiga, onde predominava a moderação económica, a luta, e a disciplina dia e noite. A entrega dos espartanos era semelhante a dos galegos aguadeiros, ou seja, absoluta e ativa.

Na figura 1 encontra-se um fotograma do filme *A água que se bebe*, que representa a imagem do galego aguadeiro pregoando o seu “Aú” nas ruas de Lisboa:



Figura 1. Fotograma de *A Água Que Se Bebe* (Portugal, 1929-1932). Realização: João de Sousa Fonseca. Fonte: Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema

<sup>7</sup> Sebastião José de Carvalho e Melo (1699-1782), conhecido como Marquês de Pombal, foi um ministro cujo poder dominou grande parte do reinado de D. José I (1750-1779) (DEHP).

<sup>8</sup> É difícil determinar um número fiável de galegos em Portugal. Conforme salienta Jorge Fernandes Alves (1993: 33), “São diversas as estimativas sobre os galegos em Portugal, embora os números com alguma credibilidade só comecem a surgir nos finais do século XIX, e mesmo assim com problemas, pois trata-se de uma movimentação fugidiva, frequentemente clandestina, com uma forte componente de sazonalidade dirigida para os campos do sul e para as vinhas do Douro e uma outra de carácter mais temporário, esta essencialmente atraída pelos grandes núcleos urbanos - Lisboa e Porto, (...). Mas, conforme reconhece o embaixador espanhol em Lisboa, “la inmensa mayoría de los emigrantes no se naturaliza, no se fija, no se casa, no se arraiga aquí, trabaja, economiza, regresa e se establece en su país natal”.

<sup>9</sup> Do latín *olisiponensis*. O mesmo que *lisboeta* (DLPC).

<sup>10</sup> Local onde habitam ou dormem vários trabalhadores itinerantes (DLP).

<sup>11</sup> O estudo levado a cabo por González Lopo (2005) sobre a presença de imigrantes galegos em Lisboa antes do terramoto (1745-1746) revela que os lugares de residência dos galegos, segundo informação recolhida no arquivo do Hospital de Lisboa (século XVIII), eram maiormente: Alfama, Bairro Alto, Baixa, O Rato, além de outros bairros ou zonas perto da capital, no entanto, alguns não foram mencionados nos registos de internamento dos doentes galegos.

<sup>12</sup> “Aú” era o pregão comum dos aguadeiros, mais cada um incorporava uma frase que lhe interessava para chamar a atenção dos clientes: “Água fria”, “Água fresca”, etc.

<sup>13</sup> Moderação nas despesas; economia. Grafia atual “parcimônia/parcimônia” (DLP).

### 3. A água em Lisboa e os chafarizes como cenário social

A água era no século XVIII, como ainda é hoje, um bem apreciado, vital, caro e pouco acessível, quer dizer, praticamente um artigo de luxo. A cidade de Lisboa, que padecia esse problema, vivia somente das águas urbanas visto que nunca foi abundante em águas nativas. Em 1731, existiam unicamente em Lisboa dois chafarizes que serviam à cidade no abastecimento de água, deste modo, o rei D. João V tomado por um forte sentimento ávido, ordenou a construção do Aqueduto das Águas Livres pagando-o a própria população lisboeta através de um imposto. A monumental construção tinha quase sessenta quilómetros de extensão e, a partir de 1748, surgiram espalhadas pela capital várias fontes, bicas e chafarizes de abastecimento gratuito (Museu da Água/EPAL<sup>14</sup>, Gomes dos Santos 1941, Vale e Maria 1999 [atualização Ferreira, Paula e Rute 2007]). Esse período foi, sem dúvida nenhuma, “dourado” para os galegos aguadeiros.

Até à metade do século XIX havia em Lisboa três mil galegos aguadeiros exercendo esse labor<sup>15</sup>. Julga-se que esse número poderia ser inclusive superior nos séculos XVII e XVIII, ainda que faltem dados estatísticos para o corroborar. Os aguadeiros estavam estabelecidos estrategicamente pelos diversos pontos públicos de aprovisionamento de água existentes na cidade. Na obra *Memoria sobre chafarizes, bicas, fontes e poços públicos de Lisboa, Belem, e muitos lugares do termo* (1851), José Sergio Velloso d’Andrade, arquivista da Câmara Municipal de Lisboa, realiza uma trabalhosa investigação em que compila e contabiliza os números de chafarizes, bicas, poços, aguadeiros, companhias, capatazes e cabos, entre outras informações deste tipo relacionadas com a cidade de Lisboa e lugares do termo municipal. A tabela 1, mostra os dados sobre chafarizes, bicas, fontes e poços públicos, assim como a quantidade de aguadeiros e companhias que dependiam do Aqueduto das Águas Livres, em 1851.

A figura 2 mostra um grupo de aguadeiros no Chafariz número 11 da Praça das Flores, na localidade do Arco de São Bento, Lisboa retratada, provavelmente, na segunda metade do século XIX.

Chafariz, canos, fontes e poços públicos	Aguadeiros	Companhias de Aguadeiros
Loreto	198	6
São Pedro d’Alcântara	165	5
Carmo	231	7
Rato	99	3
Rua Formosa	132	4
Campo de Santa Anna	165	5
Esperança	99	3
Cães do Tojo	66	2
Janelas Verdes	132	4
Alcântara	66	2
Amoreiras	99	3
Rua do Arco	66	2
Arco de São Bento	66	2
Estrella	66	2
Buenos Ayres	66	2
São Sebastião da Pedra	33	1
Cruz do Taboadó	66	2
Cotovia	165	5
Largo do Intendente	66	2
São Paulo	66	2
<b>Total</b>	<b>2112</b>	<b>64</b>

Tabela 1. Localidades onde haviam pontos de abastecimento público, aguadeiros e companhias que dependiam do Aqueduto das Águas Livres



Figura 2. “Chafariz da Praça das Flores” (Museu da Água - EPAL - Lisboa, Portugal cota CDHT / CAL 290)<sup>16</sup>

<sup>14</sup> EPAL: Empresa Portuguesa das Águas Livres, SA.

<sup>15</sup> A investigação levada a cabo por José Sergio Velloso d’Andrade (1851: 16-75) afirma que em Lisboa e as suas circunvizinhanças havia três mil e três aguadeiros, bem como noventa e uma companhias.

<sup>16</sup> Fotografia com referência EPAL-CDHT-AH/AF/CAL/CAL1/0290 (ficheiro: EPAL-AF-CAL-290\_c0001.jpg).

Além disso, havia os chafarizes, bicas, fontes e poços públicos considerados antigos, ou seja, construídos no século XVII, muitos dos quais estavam reabilitados e não dependiam do Aqüeduto das Águas Livres. Pode-se apreciar na tabela 2, o número de aguadeiros e companhias cada um com o seu ponto de abastecimento em 1851:

Chafariz, canos, fontes e poços públicos	Aguadeiros	Companhias de Aguadeiros
El Rei	330	10
De Dentro	132	4
Da Praia	165	5
Bica do Çapato	66	2
Belém	33	1
Ajuda	66	2
Carreirinha do Socorro	33	1
Anjos	33	1
Poço do Borratem	33	1
<b>Total</b>	<b>891</b>	<b>27</b>

Tabela 2. Localidades onde haviam pontos de abastecimento público, aguadeiros e companhias que não dependiam do Aqüeduto das Águas Livres em 1851

As dezenas de chafarizes e fontes de abastecimento de água públicos de Lisboa constituíam o cenário social do bairro onde participavam homens, mulheres, aguadeiros, além de outros indivíduos e onde se discutiam assuntos variados. Havia outras fontes isoladas como a “da Carreirinha do Socorro ou a da Boa Vista (dos Olhos) onde a credence popular encontrava virtudes” (Almeida 1917: 61). O chafariz de Neptuno, por exemplo, com a sua mítica estátua do deus das águas, foi um dos principais centros da atividade, declarado o quartel general dos aguadeiros (Costa 1957). Sobre os galegos aguadeiros e o chafariz de El-Rei, considerado o mais famoso e de melhor água da cidade, escreveu-se:

Logo a mui pouca distancia  
Grandemente nos recreia  
Esse chafariz de El-Rei

Com tantas bocas abertas;  
Onde tantos aguadeiros  
Tantos negros, tantas negras,  
Galegos, cabras, ratinhos  
A quarta de água sustenta.  
(Álvares 1626: 119)

Desde o final do século XVIII, a vigilância e as licenças para trabalhar na distribuição da água nos chafarizes ou nas bicas, bem como todas as gestões relacionadas com a água, inclusive as queixas ou pedidos dos aguadeiros, era uma tarefa desempenhada pelo Senado da Câmara de Lisboa. Assim, os transportadores de água da cidade tinham de seguir fielmente as regras de disciplina estabelecidas (Madureira 1990). No entanto, os aguadeiros desfrutavam de certos privilégios municipais e de empatia, vindos de pessoas tão importantes como o Intendente Geral da Polícia Pina Manique<sup>17</sup>, que se preocupava e defendia o trabalho dos galegos. A principal inquietação do Intendente era quem os substituiria em número suficiente e também em brio e qualidade (Ruders 1981, Estevam 1956).

Cada companhia de aguadeiros era formada por trinta e três galegos comandados por um capataz ou um cabo. Ser aguadeiro dos chafarices mais afamados da cidade, como o de El Rei, com nove canos de água, concedia-lhes um carácter impertinente e altivo, pois achavam que pertenciam a outra classe de aguadeiro, muito mais importante, “era como ser duque e par d’Inglaterra<sup>18</sup> no tempo de Carlos III” (Almeida 1917: 61).

Na figura 3, pode-se observar um aguadeiro a encher um barril no Chafariz de El-Rei ou de São João da Praça.

Os galegos, responsáveis da distribuição da água em Lisboa, portavam um barril de 25 litros feito de madeira pintado de verde com uma asa de ferro em uma das laterais que lhes facilitava sobremaneira o equilíbrio com uma só mão o sustento no ombro. Para a sua identificação, cada um levava uma chapa de metal transportada em bandoleira com o emblema gravado da cidade de Lisboa (Madureira 1990, *apud* L’Evêque 1814). Quase sempre brigavam entre eles para

<sup>17</sup> Diogo Inácio de Pina Manique (1733-1805) foi Intendente Geral da Polícia. Considerado um dos homens inteligentes e de confiança ao serviço do ministro durante o reinado de D. José e D. Maria I (1750-1779). Foi o fundador da Casa Pia de Lisboa, uma instituição estatal dedicada a recolhimento de pobres e crianças órfãs, que se transformou em um grande estabelecimento de ensino de Lisboa (Serrão 1992-1999).

<sup>18</sup> Título que possui um membro da Câmara Alta em um sistema bicameralista, ou seja, de duas Câmaras: a alta e a baixa, por exemplo, o Reino Unido (*DLP*).

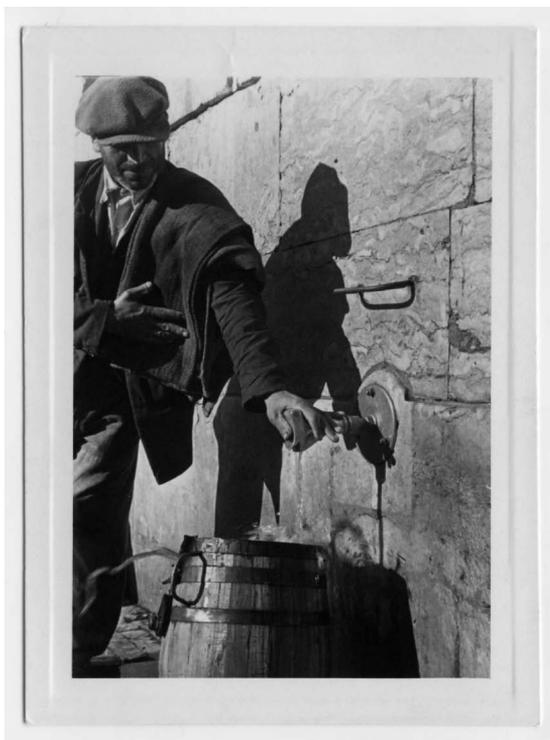


Figura 3. “Aguadeiro a abastecer-se no chafariz”  
(Museu da Água - EPAL - Lisboa, Portugal  
cota CDHT / CAL 625.7)<sup>19</sup>

encher o barril com a fina água que lhes saía das bicas, situação que lhes causava impaciência e desesperação (Moreiras 2009) pela perda do tempo de serviço. O ir e vir com o barril de água era constante e o ato de encher os potes das casas realizava-se maiormente de manhã e custava um *vintém*<sup>20</sup> (Dinis 1993: 216), mas o preço dependia do trajeto e da estação do ano. No verão ou durante a ausência de chuva, os preços aumentavam e o barril podia custar o dobro. Constituíam um serviço sem nenhum tipo de contrato escrito, sendo, portanto, um acordo de abastecimento de água simplesmente verbal (*Id.*). O galego aguadeiro tinha o cabelo cortado muito curto e o seu traje quotidiano fazia parte da simbologia popular de Lisboa junto a outros tipos da época como os *mariolas* ou *moço de frete*<sup>21</sup>, cozinheiros, padeiros, azeiteiros, afiadores, etc. No século XIX, o seu traje compunha-se de camisa branca decotada com

colete sem gravata, calças e casaco de bombazina, esta adornada com uma guarnição nos punhos e na cintura, ambos de cor escura, chapéu ou boné com viseira e sapatos. Muitos aguadeiros levavam uma tira de pano grosso ou couro para proteção do peso produzido pelo barril no ombro.

#### 4. O esforço de apagar todos os fogos

Desde o reinado de D. João I, os incêndios era um dos assuntos que mais preocupava a cidade de Lisboa. Durante muito tempo a prioridade era ter um grupo de pessoas que fizesse esse serviço, impedisse que se espalhasse e causasse desgraças e mortes. Era patente que a cidade necessitava uma melhor gestão nesse campo. Deste modo, no ano 1794, juntou-se a administração das fontes e chafarizes da cidade à administração dos incêndios formando uma só unidade. No século XIX, o serviço de incêndios da capital portuguesa estava dividido em quatro distritos e confiada aos galegos aguadeiros que eram dirigidos por um inspetor de incêndios (Estevam 1954).

O perigo de incêndio era constante devido às construções feitas, em regra, de madeira e muito próximas uma das outras. Os galegos aguadeiros eram os responsáveis de apagar os fogos das casas, para esta difícil lida, haviam bombas e aguadeiros organizados em companhias com os seus capatazes. Quando havia um fogo, os aguadeiros eram avisados imediatamente através dos sinos das igrejas lisboetas, que, segundo o número de badaladas, representava uma freguesia<sup>22</sup> onde tinham que acudir com os seus barris cheios a abastecer as bombas. Assim, descreve o *Novo guia do viajante em Lisboa e seus arredores, Cintra Collares e Mafra...*:

(...) em caso de incendio, cujo local é anunciado por um certo numero de badaladas nas torres das igrejas, correm os aguadeiros com os barris a acudir, enquanto outros gallegos das companhias de bombeiros arrastam os carros das bombas e escadas. Ha un inspetor dos incendios para dirigir superiormente esses trabalhos. (Bordalo 1853: 95-96)

<sup>19</sup> Fotografia com referência EPAL-CDHT-AH/AF/CAL/CAL2/0625/07 (ficheiro: EPAL-AF-CAL-625-7\_c0001.jpg).

<sup>20</sup> Moeda de cobre que valia “20 réis” e equivalia a dois centavos do escudo português, moeda oficial de Portugal entre 1911 e 2002 (*GDLP*).

<sup>21</sup> Carregador (*DLP*).

<sup>22</sup> Circunscrição administrativa de uma paróquia (*NDCLP*).

No século XIX, os aguadeiros recebiam 10 réis<sup>23</sup> por cada barril deixado no local do incêndio, contudo, os barris deveriam permanecer cheios de água toda a noite. A Câmara Municipal, por sua vez, pagava 120 réis a cada homem que pertencesse à casa da bomba (Estevam 1954). Caso os aguadeiros não fossem imediatamente ao lugar do fogo, eram penalizados com coimas pela Câmara. Do mesmo modo, eles tinham que carregar as bombas e as mangueiras utilizadas para conduzir a água até aos edifícios e subir pelas escadas de salvamento (Estevam 1954, *apud* Santos Cruz 1850). Nesse trabalho de extinção de incêndios, as conhecidas *quadras*<sup>24</sup> referiam-se às badaladas dos sinos das igrejas assim:

## I

Batem onze, Beato António,  
S. Vicente doze é,  
Se batem treze, é na Graça,  
Quatorze na velha Sé.

## II

Ouvem-se quinze no Carmo,  
S. Nicolau mais uma é,  
Dezassete no Socorro  
E dezoito em S. José.

## III

Tem a Pena dezanove,  
A Bemposta uma remate,  
S. Sebastião vinte e uma,  
Vinte e duas Monserrate.

## IV

Vinte e três Santa Isabel,  
Mais uma o Convento Novo,  
Necessidades vinte e cinco,  
Pr'a lá corre todo o povo.

## V

Em S. Francisco de Paula  
São vinte e seis, mais nenhuma,  
Vinte e sete Santos-o-Velho,  
Os Paulistas tem mais uma.

## VI

Chegando depois às chegadas,  
Vinte e nove é lá o toque,  
Ouvindo depois as trinta,  
Dizem todos: é São Roque.

## VII

Quando a bomba chega ao fogo,  
Principia a trabalhar:  
Vamos dar parte ao patrão<sup>25</sup>,  
Que o prémio é para ganhar.  
(Estevam 1954: 39)<sup>26</sup>

Os galegos aguadeiros apagavam os fogos reais, aqueles que destroem os edifícios e as casas, mas não os “fogos do coração”, já que eram os responsáveis de transportar as cartas servindo, muitas vezes, de carteiro particular das moças apaixonadas (Estevam 1956, *apud* Mesquita 1903). Em um duplo e, ao mesmo tempo, contraditório trabalho, os “fogos do coração” eram lançados indiretamente com as missivas que lhe confiavam e, com a água que transportavam, apagavam os funestos fumos que devoravam os edifícios públicos (Palmeirim 1879). Assim sendo:

O galego-aguadeiro, que entrava em todas as casas, cujas portas se lhe abriam francas até ao poial<sup>27</sup> do pote, foi o Mercúrio amoroso de muitas gerações.

Ele era quem levava a cartinha apaixonada, entre o colete e a camisa, aromatisada pelo seu suor de trabalho alombado um dia inteiro com o barril às costas – o célebre suor de galego - mas que nunca deixou de trazer aos amorosos pares, os aromas estranhos e esquisitos de jardins edíficos. (Câncio 1948: 56)

Apesar da fama de ambicioso, o galego aguadeiro constituía quase uma pessoa da família, ou seja, era de grande confiança para os lisboetas. Os chefes de família negociavam com os aguadeiros para levar tanto cartas como recadinhos<sup>28</sup> quer com assuntos confidenciais, quer

<sup>23</sup> O real, popularmente chamado “réis” foi a unidade do sistema monetário em Portugal desde 1435 (oficialmente) até ao 1911 (Vieira 2017).

<sup>24</sup> Estrofe composta de quatro versos; quarteto. (DLP). Nas *quadras*, as estrofes compõem-se de quatro versos que podem ser rimas ou não.

<sup>25</sup> O dono, o chefe, o dirigente de qualquer estabelecimento particular em relação aos seus empregados e subordinados (NDCLP).

<sup>26</sup> As badaladas dos sinos iam de doze até trinta em 1856. Depois até trinta e quatro (Estevam 1954).

<sup>27</sup> Banco fixo de pedra (DLP).

<sup>28</sup> Recado curto (NDCLP).

com os pensamentos mais profundos das filhas apaixonadas, pois o fiel mensageiro “era de uma meticulosa honestidade, e um poço de discrição. Incapaz de atrair os segredos do coração” (Vidal 1900: 49). O mais provável era que o galego aguadeiro, convertido no estafeta indispensável da época, tivesse “fechados na mão mais segredos íntimos, do que quantos chegavam aos ouvidos dos clérigos que povoavam pela quaresma os confessionários da capital” (Palmeirim 1879: 222).

### 5. A decadência e o fim dos galegos aguadeiros

Não obstante, a população de Lisboa crescia rapidamente e a necessidade de água era conseqüentemente maior. Os sete litros de água diários que cada pessoa tinha ao ser dispor até meados do século XVIII, tornavam-se claramente insuficientes (Ferreira 1981). A água das fontes, bicas e chafarizes espalhados pelas ruas e praças da cidade estava condicionada pelo serviço careiro de venda e transporte que realizavam os galegos aguadeiros. No começo do século XIX, o preço do metro cúbico do barril do aguadeiro custava entre cem e duzentos réis<sup>29</sup> (Noronha 1943). Por outra banda, as condições sanitárias eram precárias e as epidemias de cólera e febre amarela assolavam sem piedade a capital lusa matando somente em um ano nove a mil lisboetas (Schmidt, Tiago e João 2008). O problema de abastecimento do precioso líquido necessitava uma solução à escassez que prolongou por vários anos.

Francisco Sodré foi o primeiro a apresentar um projeto<sup>30</sup> inverosímil para a distribuição de água em 1823, que não chegou a ameaçar a onnipotência dos aguadeiros (Almeida 1917). No entanto, um dos detratores mais conhecidos dos aguadeiros foi o general António Bacon. Este era o representante de uma companhia inglesa cujo projeto era prover a cidade de Lisboa de toda a água que lhe fizesse falta, conduzindo-a através dos canos até às casas. O projeto, além da água, também abrangia a

iluminação a gás (Castro, Irmão & C<sup>a</sup>. 1863). Portanto, era o oponente mais forte dos galegos aguadeiros e fazia perigar o trabalho de distribuição de água a retalho. Conta-se que em uma exposição realizada na Câmara Municipal de Lisboa, em 1845, o general Bacon “não hesita em fazer mão de argumentos morais para denegrir o sistema de distribuição porta a porta, e pôr em destaque as enormes vantagens do seu projeto” (Madureira 1990: 37). Com o intuito de desprestigiar a imagem e o trabalho dos aguadeiros, Bacon declara: “é comumente nos chafarizes, e pela noite que se combinam os planos de roubos e malfetorias fora da vigilância da polícia, encontrando-se nelles a deshoras aguadeiros prontos a ajudarem ao transporte de cousas robadas...” (*Id.*). Muitas consultas foram feitas e a Câmara de Lisboa designou cinco vereadores para tratar exclusivamente do assunto, contudo, o projeto não foi aprovado (Castro, Irmão & C<sup>a</sup>. 1863).

Depois de Bacon, outros dois projetos foram apresentados para resolver o problema da água em Lisboa, o de Francisco Martins e o de Duarte Cardoso, sendo este último, muito semelhante ao de Bacon. Cada projeto queria superar ao anterior, mas não foram adiante (*Id.*). Finalmente, oito anos depois, em 1855, é contratada a primeira Companhia das Águas Livres (CAL) e em 1868 é constituída (Sequeira 1950). Começa, então, a queda do império dos galegos aguadeiros em Lisboa. A CAL foi a responsável de conduzir a água desde o Rio Alviela e trazê-la por gravidade usando bombas mecânicas a vapor para a sua elevação até aos depósitos localizados no antigo convento dos Barbadinhos<sup>31</sup> (*Id.*, Museu da Água/EPAL s.d.). A construção do canal do Alviela foi concluída em 1880, apresentando grandes dificuldades financeiras devido aos cento e quatorze quilómetros de extensão da obra (Branco 1959). Mesmo assim, representou nessa altura uma “«nova era» nos serviços sanitários de Lisboa” (Schmidt, Tiago e João 2008: 334).

<sup>29</sup> Diante das situações abusivas provocadas pela água vendida e transportada pelos aguadeiros galegos, o inspetor geral dos incêndios da época, pôs em vigor um regulamento que garantisse medidas e penalizasse qualquer circunstância considerada abusiva com relação à água (Noronha 1943).

<sup>30</sup> O projeto de Sodré assentava-se “na collocação em cada chafariz, de oito carros de bois, com trinta pipas, cada um, (...) e mais dois carros para serviço d’incendios” (Almeida 1917: 62). Assim, no referido projeto para a distribuição de água em Lisboa utilizar-se-iam “284 carros de bois, 568 ruminantes e 3.464 galegos. Era un exército” (Sequeira 1950: 101).

<sup>31</sup> Antigo convento franciscano onde se encontrava a Estação Elevatória a Vapor dos Barbadinhos (1880-1928) (Museu da Água/EPAL, s.d.).

A constituição da CAL, bem como o aproveitamento das águas do Alviela proporcionou um aumento da quantidade de água disponível para cada morador da capital, determinando em cem litros diários por pessoa (Branco 1959). O abastecimento de água aos domicílios fazia-se pouco a pouco realidade e melhorava, de facto, as questões de higiene e limpeza da população. Já nos bairros operários, “a opção por pequenas bicas em vez de chafarizes monumentais, edificadas” (Vale e Maria 1999 [atualização Ferreira, Paula e Rute 2007]).

Nem todas as notícias eram boas com a chegada da água do Alviela, já que o sistema de canalização deste rio e a criação da CAL geraram mudanças e também muitos prejuízos para aqueles que viviam e lucravam com a venda da água nas ruas da capital portuguesa. A implantação do telefone representou outro acontecimento funesto para os galegos aguadeiros que levavam as mensagens de um lado para o outro. Concentravam-se poucas vezes pelas esquinas da cidade com as suas vestimenta sem ter o que fazer (Fernandes 1941). Esses factos fizeram com que, lentamente, o número de galegos aguadeiros fosse descendendo de maneira gradual em Lisboa e, ao fim, desaparecendo como coletivo (Vidal 1900). Contudo, a imigração galega a Lisboa não concluiu, os que chegavam iam prestar os seus serviços nas *casas de pasto*<sup>32</sup>, tascas e cafês (Fernandes 1941).

## 6. A presença dos galegos aguadeiros na literatura portuguesa

“A literatura portuguesa está povoada de galegos aguadeiros” (Cruz 1991: 32), assim escrevia de forma categórica o destacado escritor e médico português, em seu livro *Histórias da Vermelhinha*. Através de uma breve pesquisa literaria, observa-se que desde o século XVII até ao século XX, muitos autores portugueses quiseram perpetuar seja na poesia seja na prosa a figura dos galegos aguadeiros. Como imigrantes que eram, os galegos aguadeiros nem sempre foram vistos com boa crítica e elogios

dentro da literatura portuguesa, ainda que não se perceba um fundo diatribe no discurso. As críticas centravam-se, sobretudo, no jeito de ser e na condição de imigrante. Reserva-se aqui, alguns dos autores que fizeram menções ao galego aguadeiros em suas obras.

Antonio Lobo de Carvalho (1730-87), foi um poeta satírico do século XVIII que serviu de inspiração para outros poetas que tinham vocação e veia satírica. Em *Poesias Joviais e Satyricas*, precisamente, no Soneto XXV, o poeta português menciona brevemente um dos labores que fazia o aguadeiro, ser mensageiro das moças:

Apenas vês deixada da costura  
Por'traz da adufa<sup>33</sup> a tímida donzella  
Como um raio, João, co'os olhos n'ellas  
Lle encampas<sup>34</sup> reverente uma mesura:

Safa-se<sup>35</sup> a moça, e o pae que por ventura  
Vem chamar o aguadeiro da janella,  
Repara então que a filla se acautella  
D'essa tua scismatica<sup>36</sup> ternura.

(Carvalho 1852: 25)

Nicolau Tolentino de Almeida (1741-1811), poeta sobressalente do séc. XVIII considerado um dos maiores satíricos nacionais, também retrata a atividade dos galegos aguadeiros. Sempre dotada de uma ironia impassível, a sua obra mostra os hábitos e costumes desse período. Em uma *quadra* muito conhecida do seu *Obras Poéticas*, Tolentino refere-se ao galego aguadeiro, figura genuína da sociedade de co-tio lisboeta, de uma maneira satírica e pouco elogiosa:

Já o sórdido Galego,  
Meu antigo companheiro,  
De gravata, e carrapito<sup>37</sup>  
Arvorado em Boleeiro,

Açoitando surdas<sup>38</sup> ancas  
De dois sendeiros roazes<sup>39</sup>,  
No mesmo Bairro apregoa,  
Ora barris, ora pazes.

(Tolentino 1828: 85)

<sup>32</sup> Estabelecimento onde se servem comidas; restaurante barato (NDCLP).

<sup>33</sup> Proteção formada por pequenas tábuas de madeira colocadas por fora da janela (DLP). Gelosia.

<sup>34</sup> Neste sentido pode significar ‘abandonar, deixar’ (NDCLP).

<sup>35</sup> Livrar; escapar; fugir (GDLP).

<sup>36</sup> No contexto do poema, pode significar tendência, divisão ou ideia, já que o termo deriva de cisma (divisão existente no seio de uma religião ou de uma comunidade).

<sup>37</sup> Pequena porção de cabelo presa no alto da cabeça (DLP).

<sup>38</sup> Que tem pouco brilho; discreto (DLP).

<sup>39</sup> Devorador; destruidor (NDCLP).

José Agostinho de Macedo (1761-1831), sacerdote católico e também poeta, foi possuidor de uma visão crítica sobre vários assuntos sociais, morais e políticos do seu tempo. Em suas cartas, assim como em seus livros, a figura do aguadeiro é constante, por vezes, até como um símbolo de insignificância ou parvidade associada à estupidez. No seu *Motim literario em fôrma de soliloquios*, escreve sobre os aguadeiros e o seu labor de apagar fogos, mas também de jogar pragas: “Eu mesmo tenho visto apagar furiosos incendios com as acertadas manobras de doutíssima mestrança de ribeira, ajudada com as pragas, e barris dos aguadeiros” (Macedo 1841: 87).

O poeta árcade Pedro António Correia Garção (1724-1772) sobressaiu nesse estilo graças à sátira. Apesar da sua formação clássica e de ter uma linguagem mais atual para o seu tempo, realiza uma abordagem voltada para a realidade da vida na cidade, sendo, logo, um dos temas centrais. Deste modo, a figura do aguadeiro representado no seu jeito apressado de ser também está presente neste fragmento de poesia:

Temo de sair fora... Ah! Não te engano,  
Temo de sair fora: desta banda,

Me empurra o aguadeiro, e dest’outra  
Me atropela a salaia<sup>40</sup> co’ seu macho;  
Hum vem á rédea<sup>41</sup> solta no rabão<sup>42</sup>,  
Outro corre no coche<sup>43</sup> á desfilada<sup>44</sup>;

(Garção 1778: 156)

Manuel Maria Barbosa du Bocage (1765-1805) é considerado um dos poetas da transição entre o neoclassicismo-romanticismo português. A sua obra é o prenúncio de uma sensibilidade nova e mais precisa, de uma fantasia e de um sentimentalismo, assim como de outros elementos próprios da estética romântica. Os galegos aguadeiros fizeram também parte do mundo *bocagiano*, já que o poeta os faziam “heroes facetos das suas incomparáveis phantasias” (Almeida 1917: 60). Podemos apreciar através do fragmento deste soneto que

o aguadeiro representava uma das figuras do seu imaginário e que, ademais, fraternizava com o poeta:

Cercado de aguadeiros e marujos;  
Mas louva-te a ti mesmo. Ah! Pobre Elmano!  
Doente imaginario, não te queixes  
D’um mal que inda não sentes, nem mereces  
(Braga 1902: 394)

Para além da poesia, os galegos aguadeiros estão também presentes na prosa portuguesa. Certamente, Camilo Castelo Branco (1825-1890), destacado autor e cujo estilo pertence ao romanticismo serôdio português, foi um dos que mais os imortalizou. Em *Cenas da Foz*, Camilo Castelo Branco representa o galego aguadeiro como aquele que pode carregar o barril e ser o mensageiro avaricioso dos apaixonados:

No pátio encontrou o aflito moço o aguadeiro que diariamente lhe levava as cartas de Leocádia. Estava o prestante<sup>45</sup> galego sentado no barril, examinando os pregos<sup>46</sup> dos sapatos, e calculando talvez os emolumentos que cobrava da sua posição importantemente diplomática entre dois corações rendidos. (Castelo Branco 2012: 179)

Na primeira parte da obra titulada *Coração, Cabeça e Estômago*, ou seja, em “Coração”, Capítulo II - Sete Mulheres, Camilo Castelo Branco retrata novamente o galego aguadeiro no papel de recadeiro:

Às cinco horas da manhã, fui a uma das barcaças e tomei um banho no Tejo. Recolhi-me com uma catarral e estive onze dias de cama. Quando me ergui, magro e lívido, ouvi dizer à dona da casa que o galego, aguadeiro da casa da fronteira, viera duas vezes perguntar por mim, com ordem de alguém. (Castelo Branco 1988: 25)

E ainda na primeira parte de “Coração”, Capítulo IV - Sete Mulheres, o autor volta a mencionar o galego aguadeiro em uma outra passagem da obra e mostra que, apesar da fama, não eram de alardear e, portanto, confiava em suas palavras:

<sup>40</sup> Diz-se do camponês ou aldeão dos arredores de Lisboa; grosseiro; rústico (NDCLP).

<sup>41</sup> Correia que se liga ao freio ou ao bridão das cavalgadas e que serve para as guiar ou dirigir (DLP).

<sup>42</sup> (Vestuário) comprido e desajeitado (DLP).

<sup>43</sup> Carruagem de estilo antigo, usada em certas solenidades (NDCLP).

<sup>44</sup> A galope; sem parar (DLP).

<sup>45</sup> Que presta; útil; prestadio (DLP).

<sup>46</sup> Peça metálica com haste delgada, aguçada em um dos extremos e com cabeça no outro, que serve para cravar ou fixar um objeto (DLP).

A mulata...(agora me lembro que se chamava Tupinoyoyo - que nome tão amável!) ficou de me visitar todos os domingos; mas ao terceiro, depois da promessa, contou-me o aguadeiro que um ricoço<sup>47</sup>, vindo do Brasil, se apaixonara por ela e a levava consigo para o Minho.

Não mentiu o galego. (*Ibid.* 35)

Em *A Brasileira de Prazins, cenas do Minho*, Camilo Castelo Branco também aproveita o Capítulo XI para, definitivamente, eternizar o trabalho do galego aguadeiro nas casas da cidade:

O *Alménio* era o filho do estalajadeiro<sup>48</sup> de Póvoa de Lanhoso, o Rêlhas. Calças brancas, quinzena de veludilho<sup>49</sup>, bengala<sup>50</sup> de castão<sup>51</sup> de prata, chapéu branco de castor e óculos. Disse ao Veríssimo que punha os óculos para fingir de médico. Estava a um canto o gallego, o Gonçalo, aguadeiro da casa. (Castelo Branco 1991: 83)

Júlio César Machado (1835-1890), escritor e olisipógrafo<sup>52</sup> português, retratou em suas obras a vida lisboeta adicionando elementos históricos e sociais e, ao mesmo tempo, mesclando tons coloquial, humorístico e crítico. Em *Lisboa de hontem* (1877), o escritor lembra da cidade anos antes, através de um itinerário turístico e histórico onde não falta o galego nem o aguadeiro, que o define como “esse bruto vil que trabalha”:

A cidade, antigamente, auxiliava pela escuridão, a boa *mise-en-scène*<sup>53</sup> d’estas farças. Agora ha luz de mais para tão pouco assumpto. Era tudo quedo, tudo soturno<sup>54</sup>, e morto. Apenas o pregão de algum aguadeiro, aqui ou ali, roncando lugubrememente:

-Aú. (Machado 1877: 38)

*Lisboa em Camisa* é da autoria de Gervásio Lobato (1850-1895), jornalista, dramaturgo, tradutor e romancista português. Como ele mesmo

afirma, *Lisboa em Camisa* trata de uns “estudos humorísticos da vida lisboeta” no final do século XIX. A sua obra mais famosa é uma amálgama de paródia e de realismo onde aparece o personagem de um criado, o galego aguadeiro nomeado dezenas de vezes. O Gil Galego é, sem dúvida, o mais saliente: “—E o Gil? O gallego? Perguntava o Justino preocupado com a demora do seu aguadeiro” (Lobato 1882: 286).

Na literatura contemporânea podemos encontrar alusões, ainda que poucas, aos galegos aguadeiros. Aparecem, principalmente, naqueles romances históricos em que os escritores lusos relembram a figura popular do aguadeiro, bem como os seus afazeres na capital portuguesa.

José Saramago (1922-2010) foi prémio Nobel de literatura em 1998 e dono de um peculiar estilo tanto narrativo como gramatical. Nas páginas do singular e extraordinário romance histórico *Memorial do Convento* (1982), Saramago expresa uma visão crítica sobre a Lisboa oitocentista, onde inclui dois elementos principais, por um lado a população com as suas condições sociais, morais e económicas e, por outro, a corte de Portugal. Quando fala da morte do Frei Miguel da Anunciação, logo no começo da obra, desqualifica a qualidade da água vendida pelo galego aguadeiro e insinua que pode ser uma das causas de mortes na cidade:

É certo que não morreu o frade de coração despedaçado, mas de maligna, que seria tifo ou tifoide, senão outra febre sem nome, remate comum de vida em cidade de tão poucas fontes de água para beber e onde os galegos não se duvidam de ir encher os barris a fonte dos cavalos, e assim morrem imerecidamente provinciais. (Saramago 2000: 19)

Nas páginas posteriores do livro, o aguadeiro resurge, desta vez, com o seu trabalho imparável entre a dureza de um dia de trabalho rigoroso e quente:

<sup>47</sup> Aumentativo de “rico”.

<sup>48</sup> Dono ou administrador de uma estalagem. Pequeno hotel ou pensão, que oferece alojamento e alimentação a preços acessíveis (*DLP*).

<sup>49</sup> Tecido semelhante ao veludo, máis ou menos encorpado (*DLP*).

<sup>50</sup> Pequeno bastão, em regra, de madeira, que se leva na mão e serve de apoio (*DLP*).

<sup>51</sup> Remate ornamental das bengalas e de outros utensílios (*DLP*).

<sup>52</sup> O que escreve sobre Lisboa (*NDCLP*).

<sup>53</sup> Cenário.

<sup>54</sup> Taciturno; tristonho (*DLP*).

Em todo aquele Verão não houve dia mais quente, a terra parecia uma braseira, o sol uma espora cravada nas costas. Os aguadeiros corriam a longa fila, levando quartões<sup>55</sup> de água ao ombro, iam buscá-la aos poços que por ali havia, nas terras baixas, às vezes muito afastados, e tinham de trepar monte acima por carreiros de pé posto, para encher as dornas<sup>56</sup>, não podem as galés<sup>57</sup> ser piores do que isto. (*Ibid.* 258)

A figura 4 consegue mostrar fielmente como era o incessante trabalho dos aguadeiros nos chafarizes de Lisboa, apesar de ser uma representação para o filme *A água que se bebe*:



Figura 4. Fotograma de *A Água Que Se Bebe* (Portugal, 1929-1932). Realização: João de Sousa Fonseca. Fonte: Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema

## 7. Conclusão

Conforme as palavras do escritor português Luís Augusto Palmeirim em seu *Galeria de Figuras Portuguezas* (1879), o progresso matou não só a indústria dos galegos, mas também outras indústrias nacionais. As facilidades, inevitáveis e necessárias dos novos tempos, fizeram desaparecer muitas atividades que por séculos fizeram parte da sociedade lisboeta. A chegada da água às casas representou conforto, mas também o fim dos muitos habilidosos, serviços e honestos galegos aguadeiros em Lisboa. De certo, cumpriram a missão que tinham desde que pisavam o solo olisiponense: guardar o dinheiro ganho com a venda e transporte da água ou apagando os fortes incêndios que destruíam com grande frequência

as construções da capital portuguesa para, por fim, voltar à terra galega onde um dia nasceram, ter umas terras e depois gozar de uma vida ou velhice garantida.

Não foi fácil derrubar a supremacia dos galegos aguadeiros em Lisboa, ao final, eram eles os que abasteciam, praticamente, toda a cidade de água. Como povo forte e pugnaz, resistiram a decretos, projetos, difamação e muitas críticas, sobretudo, pelo exagerado jeito avaro de ser e de ganhar muito dinheiro vendendo aos portugueses a sua própria água. Não obstante, tinham também os seus defensores e simpatizantes que os consideravam indispensáveis, trabalhadores e honestos. A sorte foi a sua grande aliada até que um convincente projeto no século XIX surgiu para melhorar a dificuldade existente relativamente à longa problemática da água. Sem dúvida, este foi o responsável, ainda que de forma lenta, de finalizar completamente o sonho dourado em Lisboa. Para os aguadeiros, um sonho sem fim e altamente lucrativo fundado em qualquer tipo de serviço que lhe fosse legado: nos excessivos preços recebidos pelo barril de água, no leal e discreto trabalho como mensageiro ou na rigorosa extinção de fumos.

Contudo, sendo vítimas da dura condição de imigrante ou de mercador quase verdugo de uma cidade carente de água e de quem fizesse serviços austeros desse cunho, os galegos aguadeiros conseguiram deixar uma marca na cidade de Lisboa. Talvez eles não fossem conscientes do verdadeiro papel que tinham para a economia ou para a sociedade e só se consideravam apenas uns criados, mas a vida doméstica lisboeta era muito mais fácil com os galegos aguadeiros. Eram eles os que tudo sabiam e tanto trabalhavam, sem dúvida, dotados de um grande talento para ganhar a vida com sacrifício e lide. A modernidade sacrificou muitos costumes antigos, e assim, “foi-se o gallego - um dos typos mais característicos da velha Lisboa” (Vidal 1900: 49). Os galegos aguadeiros das frequentes disputas e brigas nas filas dos chafarizes foram-se embora para sempre com o seu melódico “Aú” e já não voltarão nunca mais, fizeram parte de uma época, no entanto ficarão imortalizados eternamente na memória da capital e na literatura lusa.

<sup>55</sup> Vasilha de barro maior do que a bilha e menor do que a quarta (*DLP*).

<sup>56</sup> Vasilha ou cuba feita de barro formada de aduelas, de boca mais larga do que o fundo usada para pisar a uva e conservar o mosto (*DLP*).

<sup>57</sup> Antiga embarcação de vela e remos (*DLP*).

## 8. Referências bibliográficas

- Almeida, Mário de (1917): *Lisboa do Romantismo: Lisboa antes da regeneração*. Lisboa: Rodrigues & Ca.
- Álvares, António (1626): *Arredores de Lisboa: relação em que se trata e faz uma breve descrição dos arredores mais chegados á cidade de Lisboa, e seus arrebalde, das partes notáveis, igrejas, ermidas e conventos que tem começando logo da barra, vindo correndo por toda a praia de Xábregas e d'ahi pela parte de cima até São Bento "o novo"*. Lisboa: António Álvares ([https://archive.org/stream/boletimdearchite08asso/boletimdearchite08asso\\_djvu.txt](https://archive.org/stream/boletimdearchite08asso/boletimdearchite08asso_djvu.txt)).
- Alves, Jorge Fernandes (1993): "Migrações e Trama Social", em *Os Brasileiros, Emigração e Retorno no Porto Oitocentista*. Porto: Faculdade de Letras da UP (<http://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id06id135&sum=sim>).
- (2002): "Imigração de galegos no Norte de Portugal (1500-1900). Algumas notas", em A. Eiras Roel e D. Lopo González (coords.) (2002): *Movilidad e migracións internas na Europa latina*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, Catedra Unesco, pp.117-126.
- Bordalo, Francisco Maria (1853): *Novo guia do viajante em Lisboa e seus arredores, Cintra Collares e Mafra: ornado com algumas vistas dos principaes monumentos de Lisboa*. Lisboa: Loja de Livros de J.J. Bordalo.
- Braga, Theophilo (1902): *Obras Completas. Historia da Litteratura Portugueza Bocage sua vida e epoca litteraria*. Porto: Livraria Chardron Casa Editora.
- Branco, A.G. Soares (1959): "Abastecimento de água à cidade de Lisboa", *Bulletin du Centre belge d'étude et de Documentation des Eaux* 39 (Separata da Comissão de Fiscalização das Águas de Lisboa). Lisboa: [s.n., D.L.], pp. 4-5.
- Câncio, Francisco (1948). *Ribatejo, casos e tradições. Patrocínio Junta de Província do Ribatejo*. Lisboa: Imp. Barreiro, ed. Lit, vol. 1.
- Carvalho, António Lobo de (1852): *Poesias Joviales e Satyricas*. Colligidas e pela primeira vez impressas. Cadix: s.n.
- Castelo Branco, Camilo (1988<sup>2</sup>): *Coração, Cabeça e Estômago*. Mem Martins (Sintra): Publicações Europa-América.
- (1991<sup>2</sup>): *A brasileira de Prazins: cenas do Minho*. Mem Martins (Sintra): Publicações Europa-América.
- (2012): *Cenas da Foz*. Braga: Edições Vercial.
- Castro, Irmão & C<sup>a</sup>. (1863): *Archivo Pittoresco: semanario ilustrado*. Lisboa: Tipografia de Castro & Irmão, vol. VI, pp. 41-48. ([http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/ArquivoP/1863/TomoVI/N06/N06\\_item1/P1.html](http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/ArquivoP/1863/TomoVI/N06/N06_item1/P1.html)).
- Costa, Mário (1957): "O Palácio do Loreto", *Olisipo - Boletim do Grupo «Amigos de Lisboa»* XX/79, pp. 113-130 ([http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/Olisipo/1957/N79/N79\\_item1/index.html](http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/Olisipo/1957/N79/N79_item1/index.html)).
- Cruz, Bento da (1991): *Histórias da Vermelhinha*. Porto: Domingos Barreira.
- Cruz, Francisco Inácio dos Santos (1850): *Memoria sobre os diferentes meios de atalhar os incêndios, de salvar pessoas, e os objectos deles ameaçados, e de os preservar quanto possível*. Lisboa: Academia Real das Sciencias de Lisboa.
- Cunha, António Geraldo da (1989<sup>2</sup>): *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira (2<sup>a</sup> ed. rev. e acrescida de um suplemento).
- DEHP = José Manuel Garcia (2010): *Dicionário Essencial de História de Portugal*. Lisboa. Editorial Presença
- Dinis, Calderón (1993<sup>2</sup>): *Tipos e factos da Lisboa do meu tempo*. Lisboa: Ed. Noticias.
- DLP = Abílio Alves Bonito Perfeito et al. (2010<sup>6</sup>): *Dicionário da Língua Portuguesa*. Porto: Porto Editora.
- DLPC = Academia das Ciencias de Lisboa e Fundação Calouste Gulbenkian (2001): *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, Verbo, vol. 2.
- Estevam, José (1954): "O serviço de incêndios e os aguadeiros de Lisboa", *Revista Municipal. Publicação Cultural da Camara Municipal de Lisboa* 61 (2<sup>o</sup> trimestre), pp. 34-40.
- (1956): "Os galegos em Lisboa", *Revista Municipal. Publicação Cultural da Camara Municipal de Lisboa* 68 (1<sup>o</sup> trimestre), pp. 33-46.
- Faria, Eduardo de (1849): *Novo Diccionario da Lingua Portugueza. O mais exacto e mais completo dos dictionarios até hoje publicados*. Segunda Edição. Lisboa: Typographia Lisbonense de José Carlos D'Aguiar Vianna.

- Felgueiras, Guilherme (1981): *O galego - Tipo popular da fauna lisboeta*. Lisboa: Ramos, Afonso & Moita.
- Fernandes, Eduardo (1941): “Os petiscos de Lisboa e o Carnaval”, *Olisipo - Boletim do Grupo «Amigos de Lisboa»*, IV/16, pp. 138-145. ([http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/Olisipo/1941/N16/N16\\_item1/index.html](http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/Olisipo/1941/N16/N16_item1/index.html)).
- Ferreira, Maria Dolores de Freitas (1981): *O abastecimento de água à cidade de Lisboa nos séculos XVIII e XIX*. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos.
- Gándara y Ulloa, Felipe de la (1662): *Armas i triunfos, hechos heroicos de los hijos de Galicia*. Madrid: (a costa de) Antonio de Riera.
- Garção, Correia António (1778): *Obras Poéticas*. Lisboa: Regia Officina Typografica.
- GDLP = Cândido de Figueiredo (1996<sup>25</sup>): *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*. Lisboa: Bertrand.
- Gomes dos Santos, Domingos Mauricio (1941): “A posição de Portugal perante a guerra”, *Brotéria-Revista Contemporanea de Cultura* 33, pp. 157-167.
- González Lopo, Domingo (2005): “A presença de galegos em Lisboa antes do terremoto (1745-1746), en D. González Lopo e J. Hernández Borge (coords.) (2007), *Pasado e Presente do fenómeno migratorio galego en Europa. Actas do coloquio* (Santiago de Compostela, 17-18 de novembro de 2005). Santiago de Compostela: Sotelo Blanco, pp. 51-83.
- Leira, Xan (2008): *Historia dunha emigración difusa. 500 anos de emigración galega a Lisboa*. Pontevedra: Acuarela Comunicación.
- L'Evêque, Henry (1814): *Costume of Portugal*. London: Calnaghi & Company.
- Lobato, Gervásio (1882): *Lisboa em Camisa*. Lisboa: Empreza Litteraria de Lisboa.
- Macedo, José Agostinho de (1841<sup>3</sup>): *Motim literario em fôrma de soliloquios*. Vol. 1, Tomo III (3<sup>a</sup> ed. emendada). Lisboa: Impressão Regia.
- Machado, José Pedro (1995<sup>7</sup>): *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa: com a mais antiga documentação escrita e conhecida de muitos dos vocábulos estudados*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Machado, Júlio César (1877): *Lisboa de hontem*. Lisboa: Officina Typographica de J.A. de Matos.
- Madureira, Nuno Luís (1990): *Lisboa, luxo e distinção*. Lisboa: Fragmentos.
- Mesquita, Alfredo (1903): *Lisboa*. Lisboa: Emp. de História de Portugal.
- Moreiras, Paulo (2009): *Os dias de Saturno*. Matosinhos: Quidnovi.
- Museu da Água da EPAL (s.d.): *O Aqueduto das Águas Livres* (<http://www.epal.pt/EPAL/menu/museu-da-%C3%A1gua/exposi%C3%A7%C3%A3o-permanente-patrim%C3%B3nio-associado/aqueduto-das-%C3%A1guas-livres>).
- (s.d.): *Estação Elevatória a Vapor dos Barbadinhos* (<http://www.epal.pt/EPAL/menu/museu-da-%C3%A1gua/exposi%C3%A7%C3%A3o-permanente-patrim%C3%B3nio-associado/esta%C3%A7%C3%A3o-elevat%C3%B3ria-a-vapor-dos-barbadinhos>).
- Noronha, Eduardo (1943): “Águas, Mudanças e Recados”, *Revista Municipal. Publicação Cultural da Camara Municipal de Lisboa* 16 (2<sup>o</sup> trimestre), pp. 32-36.
- NDCLP = António de Moraes Silva (1994<sup>8</sup>): *Novo Dicionário Compacto da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Confluência.
- Pacheco, Fernando Assis (1993): *Trabalhos e paixões de Benito Prada: galego da provincia de Ourense, que veio a Portugal para ganhar a vida*. Lisboa: Editora Asa.
- Palmeirim, Luís Augusto (1879): *Galeria de Figuras Portuguezas. A poesia popular nos campos*. Porto: Ernesto Chardon.
- Ruders, Carl Israel (1981): *Viagem em Portugal 1798-1802* (trad. A. Feijó). Lisboa: Biblioteca Nacional (Série Portugal e os Estrangeiros).
- Saramago, José (2000<sup>32</sup>): *Memorial do Convento*. Lisboa: Caminho.
- Schmidt, Luísa; Tiago Saraiva e João Pato (2008): “Águas da Capital-150 anos de uma história pouco fluida”, en M. Cabral Villaverde, K. Wall, S. Aboim e F. Carreira da Silva (orgs.), *Itinerários. A investigação nos 25 anos do ICS*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, pp. 331-351 (cap. 16).
- Sequeira, Gustavo de Matos (1959): “Aqueduto das Águas Livres”, *Olisipo - Boletim do Grupo «Amigos de Lisboa»* XIII/51, pp. 99-102 ([http://hemerotecadigital.cmlisboa.pt/Periodicos/Olisipo/1950/N51/N51\\_item1/index.html](http://hemerotecadigital.cmlisboa.pt/Periodicos/Olisipo/1950/N51/N51_item1/index.html)).
- Serrão, Joel (1992-99): *Dicionário de História de Portugal*. Porto: Livraria Figueirinhas, vol. 4.
- Tolentino, Nicolau (1828): *Obras Poéticas*. Lisboa: Typ. Rollandiana. Nova ed.

- Vale, Teresa e Maria Ferreira (1999) [atualização Marta Ferreira, Paula Figueiredo e Rute Antunes (2007)]: “Aqueduto das Águas Livres”. Lisboa: Direção-Geral do Património Cultural, Ministério da Cultura. Sistema de Informação para o Património Arquitectónico (SIPA) ([http://www.monumentos.gov.pt/site/app\\_pagesuser/SIPA.aspx?id=6811](http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=6811)).
- Velloso d’Andrade, José Sergio (1851): *Memoria sobre chafarizes, bicas, fontes e poços públicos de Lisboa, Belem, e muitos lugares do termo*. Lisboa: Imprensa Silviana.
- Vidal, Angelina (1900): *Lisboa antiga e Lisboa moderna: Elementos históricos da sua evolução*. Lisboa: Typ da Gazeta de Lisboa.
- Vieira, João Pedro (2017): *A História do Dinheiro*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa ([http://www.acad-ciencias.pt/document-uploads/9307616\\_vieira,-joao-pedro---a-historia-do-dinheiro.pdf](http://www.acad-ciencias.pt/document-uploads/9307616_vieira,-joao-pedro---a-historia-do-dinheiro.pdf)).